

por Amadeu Morais

O tema foi já várias vezes abordado. Voltamos a tomá-lo nas mãos, dada a importância que reveste. E só lamentamos não poder vir registar a adopção de medidas tendentes a solucioná-lo, o que faríamos, como é óbvio, com todo o gosto. Espinho está muito longe de ser a vila limpa, que já foi, e a cidade limpa que todos desejávamos ver nela. Já o dissemos várias vezes e continuamos a repeti-lo.

Temos um túnel que é hoje ponto de passagem obrigatório. Túnel que está transformado em lixeira imensa, com papéis e detritos de toda a ordem, de manhã à noite, túnel com teias de aranha a formar-se nos tectos, especialmente à volta dos candeeiros.

Já uma vez, quando o volume dos rendilhados era escandaloso, chamamos a atenção dos responsáveis para a calamidade. Mas o aviso ficou a ecoar no espaço, quem podia e devia agir silenciou qualquer iniciativa e só veio a tomá-la muito tempo depois.

Sabemos quanto é difícil limpar uma terra que toda a gente se empenha em sujar, sem qualquer respeito pelos outros e na mais completa ignorância dos princípios elementares do civismo.

Não temos dúvidas em admitir que o piso do túnel é limpo uma vez por dia. Mas a intensidade do movimento e o acumular de papéis e detritos é de tal ordem que justifica e impõe a limpeza várias vezes ao dia. E nada justifica que as teias de aranha cresçam e se multipliquem, a atestar que ninguém olha para os tectos e para as paredes laterais.

Não compreendemos, por outro lado, que durante o dia se desligue a iluminação eléctrica da passagem subterrânea — facto que se regista com frequência e que dá ao local um tom de abandono que só serve para avolumar o aspecto lamentável em que se encontra e para incentivar o aumento da lixeira ali criada.

Outro problema, não menos importante, espalhado por toda a cidade e muito especialmente pela sua zona central, é o dos escritos e cartazes espalhados nas paredes.

A Câmara destinou — e bem — dois painéis no túnel para a afixação de cartazes. Sem qualquer respeito pelos demais afixadores, cada grupo enche um dos painéis com os cartazes que deseja afixar, sai do túnel e enche de cartazes as paredes dos prédios, sem atender aos prejuízos que causa.

(Continua na página 2)

DE defesa de ESPINHO



DIRECTOR: AMADEU A. MORAIS — 19-8-77 — SEMANÁRIO — N.º 2367 ANO 46 — PREÇO 4800

OBJECTIVO 1

O problema do lixo continua a ter aspectos aflitivos. Por exemplo, há locais, na cidade, onde a recolha se faz às 19 horas, permanecendo o lixo na via pública, ao sol, ao calor, dando lugar a cheiros pestilentos, a insectos. Isto passa-se em diversos locais e referiram-nos que mesmo junto de restaurantes nas imediações da Avenida 24. De resto, a chamada de atenção do facto, pelos inconvenientes e perigos para unidades (turísticas e para alimentação de seres humanos), parece que não surtiu qualquer efeito, junto das entidades competentes, por virtude da já sacramental justificação: não há pessoal que chegue.

E tanta gente a precisar de trabalhar, neste país onde tanto dinheiro se esbanja perdulariamente, mas faltando para o essencial!

Entrevistando

— ESPINHO VAI COMEÇAR A REBENTAR O ESPARTILHO — A 1.ª FASE DA AVENIDA ESPINHO-GRANJA AINDA

ARRANCARÁ ESTE ANO — garantiu-nos o Presidente da Câmara de Gaia, António Coutinho Gonçalves da Fonseca.

A morosidade da ligação da Rua 20 à Granja, velho anseio com décadas de idade, e cujo projecto está pronto há cerca de um ano, levou-nos a solicitar uma entrevista ao Presidente da Câmara de Gaia, em cujo concelho se processa mais de 90% da obra. Começamos por perguntar:

«DE» — Senhor Presidente, gostaríamos que nos dissesse em que situação se encontra o projecto de ligação Espinho-Granja, mais propriamente o prolongamento da Rua 20 da Cidade de Espinho?

grande a natureza do terreno permite uma execução rápida.

«DE» — O senhor Presidente pode adiantar uma previsão para o início das obras?

PRESIDENTE DA CÂMARA

— Eu suponho que a 1.ª fase, a fase possível para já, arrancará no corrente ano, visto estar inscrita no plano de actividade para o ano em curso e já tem cerca de 9 mil contos destinados.

— Na parte da obra que compete ao Município de Gaia, estamos na fase de expropriação dos terrenos. Entretanto, estamos a providenciar no sentido de começar já os trabalhos em terrenos que são da Junta de Freguesia ou que porventura já estejam cativos para o efeito. A parte mais difícil deste processo de expropriação relaciona-se com algumas casas clandestinas existentes no limite sul do concelho cujos habitantes têm que ser realojados como é humano e lógico.

«DE» — Pelo que me é dado conhecer a esse respeito existe uma hipótese, muito rápida, de realojar em Espinho essas pessoas.

PRESIDENTE DA CÂMARA — Exactamente em contactos que temos tido com o senhor Presidente da Câmara de Espinho, está bem encaminhada a hipótese de alojar algumas pessoas nas habitações sociais que o Fundo de Fomento de Habitação está a construir muito perto do local. Portanto, logo que estes óbices estejam resolvidos, por parte da Câmara de Gaia, a obra será terminada rapidamente, porque embora seja uma extensão

Entretanto gostava de deixar muito bem claro que, ao contrário de algumas afirmações gratuitas que têm circulado de que a obra não interessa a Gaia, isso não é verdade. O interesse da Câmara de Gaia é tão grande como o da Câmara de Espinho, porque entendemos que os problemas comuns aos dois concelhos só beneficiarão com a abertura desta nova rodovia. Como sabe uma grande parte da população de S. Félix da Marinha exerce quase toda a sua actividade em Espinho e se um dia a única ponte que existe na Estrada Nacional n.º 109 na Ponte d'Anta ruir os prejuízos são imprevisíveis. Além de que todo o tráfego que se processa a sul do concelho de Gaia para esta Vila e para o Porto se faz por Espinho. Logo estamos cientes do interesse económico-social que representa a urgente construção desta importante avenida.

Assim nos deu conta do estado em que se encontra o projecto da ligação Espinho-Granja o Presidente da Câmara António Fonseca, demonstrando com evidência pleno conhecimento dos problemas do seu importante concelho.



TEMPO DE MEDITAÇÃO

É isto protecção à velhice?

«Tenho 77 anos de idade, estou reformado pela Caixa da Previdência, e a C. P. resolveu conceder aos reformados o benefício de 50% no custo dos bilhetes. Assim, morando em Espinho há 53 anos, e tendo o meu emprego na cidade do Porto, utilizava os seus comboios. Acontece porém que a C. P., a partir de certa data, resolveu alterar as condições da regalia concedida, e assim só tenho o desconto de 50% a partir dos 50 quilómetros. Ora as viagens que eu mais fazia frequentemente eram para o Porto e vice-versa. Poderá chamar-se a isto protecção à velhice?

Feita a minha exposição, grato ficaria que este caso fosse tornado público, a bem dos interesses de todos os reformados, pois não é de admitir que a C. P., depois de ter concedido essa regalia, seja a mesma por ela própria anulada».

C. E. G. S. — Espinho
In «O Comércio do Porto»

Custo de Vida 47% em 1977?

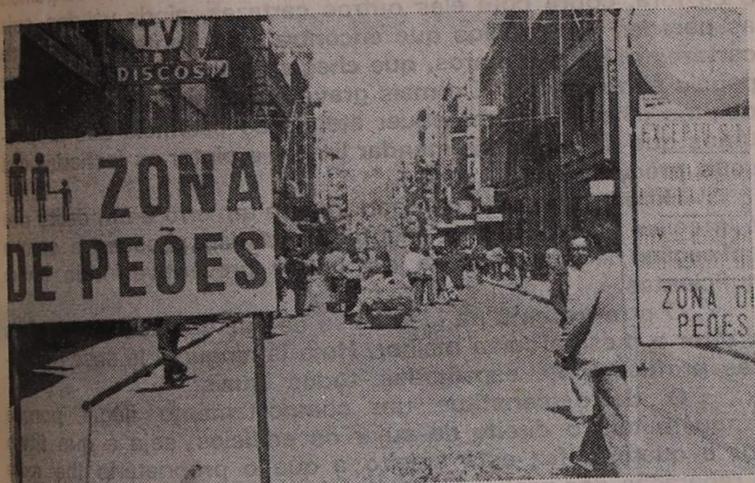
Segundo um comunicado da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, o custo de vida, no nosso país, atingirá, em 1977, os 47%!

Aquele documento baseia a sua previsão num estudo efectuado pela Federação aludida, assente no princípio de que, habitação, cuidados pessoais e saúde, transporte e comunicações, instrução, cultura, divertimentos e tabaco, sofrerão aumentos iguais aos de 1976, enquanto para a alimentação, vestuário, calçado, despesas de habitação, prevê-se aumentos iguais aos verificados nos meses de Janeiro a Abril deste ano, exceptuando-se Março, com um conjunto de aumentos anormais, devido ao lançamento do «cabaz de compras» e outros aumentos, consequente da liberalização do regime de preços.

Aquele comunicado refere que, de Janeiro a Maio, os preços da alimentação e bebidas, sofreram aumento na ordem dos 24%.

O documento assinala, a finalizar que a alimentação pesa no orçamento familiar quanto menor for o rendimento respectivo, indo desde 26% para as classes economicamente mais poderosas a 59% para das de mais fracas possibilidades e tendo um índice de 49,6% no índice dos preços do consumidor.

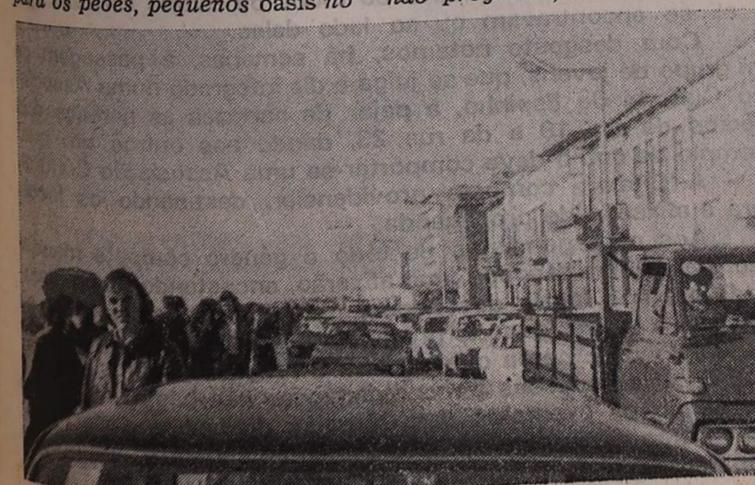
Enfim, vai linda a vida e apesar de tantas promessas e palavras gastas, não há quem ponha travão a este lamentável estado de coisas.



VISOR

Não. Essa Zona de Peões não é em Espinho. É no Porto. Apenas a segunda cidade do país. Que procurou imitar as grandes urbes europeias, quer de ocidente, quer de leste, reservando áreas para os peões, pequenos oásis no

inferno e «agressão» do trânsito. Os benefícios dessas zonas para peões até estão cientificamente comprovados. Ao lado temos, porém, o contraste. Em Espinho, uma terra dita de turismo. A baixa turística, que logicamente devia ser uma verdadeira zona para peões, é, apenas, essa costumada balbúrdia de trânsito. Enfim, progredir ou não progredir, eis a questão.



Rebola o mundo, quotidianamente tudo muda, vive-se o presente, o passado ficou para trás, tenta-se fabricar o futuro. Mas, mesmo no presente, é difícil olvidarem-se vínculos que nos ligam ao passado, quando esses elos são saudáveis, tendo deixado, através dos tempos, uma recordação agradável, que sabe sempre bem reviver, se, para mais, nos traz à lembrança as amizades da juventude e que se mantêm através dos tempos.

Recentemente, numa despretenciosa crónica duma viagem, contei nestas columnas a visita que, na encantadora Ilha da Madeira, fiz a dois amigos madeirenses, meus antigos colegas de estudo na «tasca», como denominávamos, em calão estudantil, o nosso saudoso Colégio de S. Luís. E, referi, também, que o Januário Lobo, um deles, um madeirense-espinhense, a ponto de

professores, enfim, um recordar para viver tempos que não voltam, mas foram capazes de, não obstante volvido um quarto de século, juntar aquela rapaziada, esquecida de quaisquer resquícios divergentes de todo o género, para, unicamente, fazerem fruir vínculos de amizade do tempo de estudantes, bem sintetizados naqueles abraços do e para o madeirense-espinhense Januário Lobo.

Depois, em fim de festa, ainda apareceu o Ricardo, um outro daquela época, que fez questão de nos levar à sua unidade fabril (uma surpresa que temos dentro de muros no fabrico de artefactos de cortiça e derivados), para um brinde champanhoso e mais um mar de evocações, entre a boa disposição, que só diminuiu na hora das despedidas.

E o Januário Lobo, ansioso de rever mais e mais gente dos seus anos de S. Luís, aproveitou uma deixa do Morgado, quando este disse que tem havido umas reuniões de antigos alunos do S. Luís, para fazer força no sentido de, para o ano, nesta altura (ele até gostava que fosse na sua bela Madeira), se organizar um convívio desses, anunciado com o devido tempo, para que fosse possível reunir o maior número de antigos professores e antigos alunos, que, voluntariamente, ali desejassem estar, numa jornada de confraternização, de evocação, de amizade, para se reverem amigos dos tempos de estudo, para se lembrar uma unidade escolar ligada indissoluvelmente a Espinho que «morreu» imerecidamente sem o adeus que se justificava, para homenagear e se evocar tantos homens que ajudaram a fazer, de centenas e centenas de jovens, outros homens para a vida.

Aqui fica a ideia, a ideia ateadada com esta visita, visita tão agradável do Januário Lobo e na excelente jornada de convívio amigo, que tivemos e foi um belo recordar emotivo das páginas duma juventude que não volta, mas sabe sempre bem reviver, envolto em sãs amizade criadas, inapagáveis no tempo apesar de tudo, pois o bicho-homem ainda tem o seu lado bom e as relações humanas puras e sinceras ainda são das coisas mais belas e formidáveis deste mundo-cão.

TEMA LIVRE

por
CARLOS
SARRIA



dizer que será 51 % pelo Marítimo e 49 % pelo Sp. de Espinho, viria até cá e mostraria vontade de ver muita malta e professores daquela tempo. De quanta gente ele falou!

O Januário veio, mas não pôde avisar com a antecipação devida, para se organizar uma jantarda com o maior número de antigos professores e discípulos dos seus 5 anos de S. Luís, de 1948 a 53. Mesmo assim, um tanto em cima da hora foi possível reunir ainda o Mário Jorge, o João Quinta, o Milheiro, o Lêdo, o Morgado, o Zé Beleza e eu, que outros estavam de férias e outros fora de contacto.

E durante meia dúzia de horas, num repasto simples, a malta conviveu, reviveu momentos da juventude, vindo à baila histórias engraçadas de então, a recordação saborosa deste e daquele, as travessuras, a evocação dos

Um olhar sobre antigos acontecimentos

Actividade dum grande Clube: «ALEGRE MOCIDADE»

Na sua senda de desenvolvimento das actividades culturais e recreativas, para que foi fundado, o Alegre Mocidade, continuava em ritmo apressado, a caminho do seu objectivo que gerava dia a dia justificado entusiasmo, mormente entre os seus elementos mais preponderantes do seu elevado número de associados! A revista «Não há dúvida» que tanto êxito alcançou, saída dum pequeno conjunto de amadores, foi, por assim dizer, o exame, com óptimo, que deu confiança a ir mais longe quanto às actividades de teatro, nomeadamente de temas locais de que o público tanto gostava especialmente o género revista com o seu sabor crítico, por vezes irreverente, mas não acervo, muito menos a gerar ofensa, quando em causa os mais destacados acontecimentos da terra!

Entretanto, enquanto qualquer coisa de novo aparecesse, o Clube em referência, levava à cena inúmeras peças de variados temas, quer para os seus associados, quer em benefício das obras da Igreja Matriz, então por vezes parada por falta de verba, como em benefício dos Bombeiros e de famílias de premente necessidade económica! Assim, a mocidade que se divertia, no meio das suas alegrias nunca negou auxílio de diversas espécies, aliviando sofrimentos por um lado, e por outro, contribuindo para enriquecer o património da terra. Este comportamento desvanecia sobremaneira, a população espinhense e por isso, os espectáculos para estes fins, tinham casas literalmente cheias e por vezes repetiam-se!

Ora em 1917, apareceu uma nova revista «Saúde e Fraternidade» da autoria de Amadeu Morais, Manuel Rosado e Alfredo Figueiredo, três nomes de primeiro plano dos amadores do Clube. A música foi coordenada pelo compositor, José Alves Tavares. Este revista era constituída por dois actos e sete quadros com a legenda: Tudo na Lua; Terra Vaireira; Fantasia; Apoteose do primeiro acto, Mar e areia; No Centro; Na Fantasia e Apoteose, segundo acto. Teve a emoldurá-la vistosos cenários Del-Barco e guarda-roupa para o fim, da Casa Valverde luxuoso, sem dúvida Tomaram a seu cargo vários papéis, os amadores mais em destaque: Amadeu Morais, Cassiano Marques, Manuel Rosado, Alfredo Figueiredo, Manuel Vieira, etc. Senhoras: Maria Magalhães, Maria e Julieta Figueiredo, Isolete Silva, Isabel Costa, etc.

Embora este trabalho não tenha tido o nível da revista «Não há dúvida», vamos ver o que disse a crítica, embora sucintamente, por causa do espaço: «Sobe o pano, e os meus olhos embora habituados a verem há muito os mais caprichosos e extravagantes quadros, fui ficando perplexo com as surpresas, e esta circunstância dava-me a gana de descrever minuciosamente tudo que aí aparecendo, mas como esta já vai longe, cito apenas aqueles que não podem passar sem menção: O terço do «Sapateiro Mestre escola e Barbeiro», foi um dos números que mais agradou, teve de facto muito relevo artístico, por isso foi visado várias vezes. O número das «Brisas», que está ricamente vestido, também satisfaz, tendo contribuído para isso o modo especial, a vida que as amadoras lhe imprimiram. O «Mar e Areia» se não fosse o diabo do alçapão emperrar, também havia de causar sucesso ainda assim teve a salvá-lo a maneira como estava vestido! A piada ao «Orfeão» também não foi mal metida. Foi para mim a mais feliz de todas, cada vez que dela me lembro riu-me até doer a bar-

riga! O número dos «Apaches» foi belamente executado, tive pena dos maus tratos dados à pequena. Estava perto de mim um entendedor que me disse que era assim, trocou a nuvem por Juno!... Foi pena que a música não tivesse a originalidade que representa, mas foi sem dúvida sofrível! O trabalho dos amadores — continua o crítico (Raio X) — contribuiu sobremaneira para auxiliar os felizes autores da revista que, como obra teatral, se atendermos às dificuldades de se escreverem revistas, é documento bastante para lhes criar merecida fama. O público ria a bom rir, com os dioxos engraçadíssimos do «compère», ajudado, como é óbvio, pela menina que encarnava o papel de «Revista» que maliciosamente fazia de sacristão!

O judicioso crítico refere-se ainda aos números de mais realce e bem interpretados, como sejam: «Mestre Bucha» e «Pikles» — Amadeu Morais — «Frescura» e «Angariador de sócios» — Manuel Rosado — «Paredão» — João Dias. Já nesta altura (as obras de defesa do mar não escapavam à crítica). «Roleta e o Fado» — Augusta de Magalhães — «Lua Cheia» — Isabel

Costa — Maria Figueiredo «Lua Nova» — Sua irmã, Julieta — «Quarto Crescente» — Isolete Almeida «Quarto Minguante».

A crítica que acabamos de transcrever, rubricada por («X») é do jornal «Gazeta de Espinho» e por haver certa rivalidade — até «Oceano» — e por isso, vamos mostrar um pouco de crítica deste último jornal, sobre a referida revista.

Depois dos costumados (prós e contras) de que todas as críticas são férteis, extraímos o seguinte: «A demonstrar a grande falta de prática, quanto á muda das cenas, certas mutações davam tempo de ir ao Chinez tomar um copo de leite a ferver, ir á estação ver as horas e voltar ao Teatro e a muda dos cenários ainda não estava feita!!!»

Esta crítica, tudo indica ser do Roberto Fernandes, devido à sua verbe satírica, que tanto lhe conhecemos! Em Fevereiro de 1918, apareceu a terceira revista feita por espinhenses: Mário Valente e Alberto Barbosa, com música original e coordenada por Fausto Neves levada á cena pelo, então Espinho Clube: «De Pêta e Bêta», descrição que ficará para o próximo número! Como nota a destacar, cremos que de todos os intervenientes pouco mais estão vivos que os seus autores. Quem havia de dizer que passado 59 anos estariam vivos, para poderem ler, o que então se disse do seu trabalho, que por certo lhes trará um mundo de recordações!!!

J. Tato

HIGIENE E LIMPEZA

(Continuação da página 1)

Logo a seguir, vem outro grupo que procede do mesmo modo. Cola os seus cartazes repetidos sobre os anteriores, nos painéis e cá fora, cobre com eles outros cartazes, ainda válidos, suja as paredes dos prédios que encontra pela frente, enxameia de cartazes prédios e muros, que chegam a ter várias camadas de papéis sobrepostos. E o mais grave é que ninguém respeita os direitos alheios e nem sequer atende ao sacrifício dos proprietários que acabaram de mandar limpar e pintar as fachadas dos seus prédios.

Há em todo este comportamento um erro e um delito que é preciso evitar, com a mentalização das pessoas e com a aplicação de sanções, se os meios preventivos não forem suficientes.

O erro assenta na ideia falsa de que quantos mais papéis a dizer a mesma coisa melhor. Hoje já ninguém lê esses cartazes profusamente espalhados, todos iguais.

O delito constitui um comportamento ilegal, porque ninguém tem o direito de sujar os edifícios, seja a que título for e quem o faz está sujeito a que o proprietário lhe exija a reparação dos prejuízos causados. Para além disso, a Câmara a quem compete velar pelo aspecto das fachadas dos prédios, tem que legislar em termos de pôr fim aos abusos que vêm sendo praticados.

O mau exemplo parte, infelizmente, de espinhenses. Aparece na rua um grupo de um partido, e enche as paredes de cartazes. Vem outro a seguir, e faz o mesmo. Vem depois um circo, e não está com meias medidas. E aparecem depois os forasteiros, com os carros a abarrotar de papéis e nem sequer olham para os lados, colando-os onde querem, como querem, por cima de tudo e de todos os outros cartazes que já ali se encontravam ou ao lado deles.

Com desgosto notamos, há semanas, a passagem de um grupo de jovens, que se julga e diz integrado numa Associação Cultural de Espinho, a pejar de cartazes as paredes dos prédios da rua 19 e da rua 23, dando aos outros um mau exemplo de como deve comportar-se uma Associação Cultural. A Câmara compete providenciar, destinando os locais para a afixação de propaganda.

Aos propagandistas de todo o género compete mandar fazer painéis em taboapan, que afixarão, encostando-os ou amarrando-os, nos locais destinados, retirando-os depois, para os voltarem a utilizar quando precisarem deles. Bastar-lheá utilizar o exemplo da Empreza que explora a Praça de Touros.

E se as suplicas e recomendações não bastarem, haverá que seguir os exemplos das Câmaras de Lisboa e do Porto. Como estamos é que não podemos continuar, até porque acabaremos por não encontrar quem repare uma só fachada dos muitos prédios que possuímos em Espinho.

SOFAL

- ❖ ECONOMIA
- ❖ QUALIDADE
- ❖ CONFORTO
- ❖ DISTINÇÃO

TECIDOS E CONFECÇÕES

FATOS
CALÇAS
CASACOS
CONJUNTOS
BLUSÕES
TECIDOS
RETALHOS

Mais mercadoria menos dinheiro
SR. EMIGRANTE

Não colabore com a inflação faça as suas compras na SOFAL.
Adquira qualidade a baixo preço

Fundão - Guarda - Viseu
Covilhã - Tortosendo
Mangualde - Seia - S. João
da Madeira - Espinho
Matosinhos - Castelo Branco
Areosa - Régua.

ASSIM VAI A CIDADE

SEGURO DE AUTOMÓVEIS: OBRIGATORIEDADE EM JANEIRO DE 78?

A partir de 1 de Janeiro de 1978, será de 700 contos o mínimo obrigatório do seguro de responsabilidade civil automóvel, caso for aprovado, em Conselho de Ministros, o projecto de decreto-lei elaborado pelo Instituto Nacional de Seguros. Actualmente o seguro não é obrigatório, porém a maioria dos automobilistas tem cobertura de 200 contos para os riscos da condução.

Entretanto, para táxis e automóveis ligeiros de passageiros o montante será de 1.000 contos; veículos pesados de transporte de passageiros, 1.000 contos (danos a terceiros não transportados); veículos pesados de mercadorias com ou sem reboque, tractores, máquinas industriais, 1.000 contos.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Realiza-se hoje, pelas 21,30 h., na Câmara Municipal, a anunciada sessão da Assembleia Municipal, tendo na ordem de trabalhos como pontos principais a apreciação dos processos ao parque desportivo da Cidade e a nova postura Municipal de Trânsito.

Cinema

1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO

Realizar-se-á em Espinho, entre 23 e 27 de Novembro, o 1.º Festival Internacional de Cinema de Animação — Cinanima 77, organizado pela Nascente — Cooperativa de Acção Cultural, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, Secretaria de Estado da Cultura, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e Comissão Municipal de Turismo de Espinho. Tem como objectivo mostrar o mais vasto leque possível da produção mundial do cinema de animação e favorecer a difusão desta arte.

O Festival compreenderá uma secção competitiva internacional, uma mostra internacional não competitiva e um panorama da produção portuguesa do cinema animado amador.

Estarão em disputa os seguintes prémios:

«GOLFINHOS» de prata para o melhor filme com menos de 3 minutos; melhor filme de 3 a 25 minutos; melhor filme com mais de 25 minutos; melhor filme de publicidade e de informação com interesse público; primeiro filme de um estudante; melhor filme destinado à juventude; melhor filme didáctico.

Entre os concorrentes amadores será seleccionado o melhor autor, a quem se assegurará a

produção de um filme de cinema animado até ao montante de dez mil escudos.

Os filmes devem ser inscritos através do boletim oficial de inscrição, à disposição dos interessados quando solicitados.

Eventuais esclarecimentos, resultantes de quaisquer dúvidas, serão prontamente concedidos, bastando para tal que escrevam à: Comissão Organizadora do CINANIMA 77 — Apartado 43 — Espinho.

marés

DIA	PRAIA-MAR ALT.	BAIXA-MAR ALT.
21	20,27 3m,05	14 06 1m,07
22	21,40 2m,89	15 17 1m,19
23	23 04 2m,82	16 44 1m,21
24	— —	18 07 1m,07
25	12,55 3m,12	19 14 0m,87
26	13,53 3m,32	20 09 0m,66
27	14 43 3m,51	20 56 0m,50

Agradece ao Divino Espírito Santo as Graças recebidas

A.P.Z.

NECROLOGIA

JOSÉ ANTÓNIO DA S. ROCHA

Em Anta, no lugar da Estrada, faleceu José António da Silva Rocha, de 71 anos, viúvo de Cecília Alves Nodrigues Pereira.

ANGELINA DE CARVALHO

Em Paramos no lugar de Agueiro de Cima, faleceu Angelina de Carvalho, de 70 anos,

solteira, filha de Manuel Dias Gomes e Maria Luísa Carvalho.

PALMIRA GOMES DA COSTA

Em Silvalde, no lugar da Fonte da Rata, faleceu Palmira Gomes da Costa, de 68 anos, viúva de Joaquim de Araújo e Castro.

MARIA AMARILIS DA CUNHA E COSTA

Nesta cidade, faleceu Maria Amarilis da Cunha e Costa, de 74 anos, casada com Constantino Correia da Costa.

As famílias enlutadas «DE» apresenta condolências.

PODE SER ÚTIL

farmácias

TURNO — D

Sexta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Sábado — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
Domingo — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Segunda-feira — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Terça-feira — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Quarta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Quinta-feira — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

espectáculos

CINE S. PEDRO

Dia 19, Sexta-feira, às 15,30 h. — CONTINUAVAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO, com Franco Franchi, Cicio Ingrassia e Marisa Merlini — Maiores de 6 anos.
As 21,30 h. — A VIÚVA DO DIABO, com Ava Gardner e Ian McShane — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 20, Sábado — O GRANDE DELÍRIO, com Jean Seberg, Pierre Blaise e Stefania Casini — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 21, Domingo — AS AVENTURAS DE ULISSES, com Bekim Feriui, Irene Pappas e Juliette Mayniel — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 22, Segunda-feira — PÂNICO EM NEEDLE PARK, com Al Pacino e Kitty Winn — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 23, Terça-feira, às 15,30 h. — ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?, com Jean Lefebvre, Aldo Maccione, Pierry Moady e Eric Colin — Maiores de 6 anos.
As 21,30 h. — EM NOME DO PAI, com Laura Betti, Yves Beneyton, Pietro Vida e Renato Scarpa — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 24, Quarta-feira — QUEREMOS OS CORONEIS, com Ugo Tognazzi, François Perier e Carla Tatò — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 25, Quinta-feira — A MÉDICA DA INSPECÇÃO MILITAR, com Edwige Fenech, Mario Carotenuto, Alfredo Fea e Alvaro Vitali — Para maiores de 18 anos.

CINE-TEATRO DO CASINO

Dia 19, Sexta-feira — OS PARASITAS DA MORTE, com Paul Hampton, Joe Silver, Linn Lowry, Alan Migicovsky, Susan Petrie, Barbara Steele — Maiores de 18 anos.

Dia 20, Sábado — CRIADO DE CONFIANÇA, com Lando Buzzanca e Martine Brochard — Maiores de 18 anos.

Dia 21, Domingo — CRIADO DE CONFIANÇA

Dia 22, Segunda-feira — MARRA A RAPARIGA DA SELVA, com Linda Saunders e Adam West — Maiores de 6 anos.

Dia 24, Quarta-feira — O ESQUADRÃO DO DRAGÃO, com Wang Yu — Maiores de 18 anos.

Dia 25, Quinta-feira — EMANUELLE E FRANÇOISE, com George Eastman, Rose Marie Lindt — Maiores de 18 anos.

Minuto a minuto o seu dinheiro cresce na CGD



... porque dá mais força à economia do País.

Verão. Férias. Família. Portugal.

De novo reunida a família. Há que planear o futuro. O nosso futuro que é o futuro de Portugal. É o momento de planear como empregar as suas economias. No país que é o seu, para o bem estar de todos. Venha trocar impressões com a CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

FERRÁDIO

MARQUES CORREIA PRATAS, LDA.

FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO CIVIL

PREGARIA E FERRAMENTAS DIVERSAS

FERRAGENS PARA CORTINADOS — TINTAS «SOTINCO»

RUA 7, N.º 314 — TELEF. 923401 — ESPINHO

LUSOTUFO**Tapetes — Carpetes — Alcatifas**

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

Aves — Peixes — Gaiolas
Nacionais e Estrangeiras
Aquários — Pombos Correios — Alimentaões
Pintos do dia
Cães e Gatos de Raça**O VIVEIRO**

IMPORT. — EXPORT.

Estabelecimento: Rua 23, N.ºs 51 e 52 (Mercado Municipal)
Escritório: Ruas 18 e 25 — Telef.: 921728-921622 — ESPINHO**PASSA-SE**

Fábrica de Confeitaria situada no centro de Espinho, com possibilidade de adaptação a outro ramo de actividade ou para armazém.

Falar na Rua 14 n.º 747 ou pelos telefones 922218 e 923386 ESPINHO

**Colégio de N.ª S.ª da Conceição
ESPINHO**

- * INTERNATO PARA MENINAS
 - * SEMI-INTERNATO } MISTO
 - * EXTERNATO
 - * CLASSE INFANTIL (a partir dos dois anos e meio)
 - * PRIMÁRIA
 - * CICLO PREPARATORIO
 - * CURSO SUPLEMENTAR DE PIANO, INGLÊS (com correspondência do Instituto Britânico) e FRANCÊS
- SERVIÇO DE TRANSPORTE PARA OS ALUNOS

Restaurante-Bar da Piscina

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS A LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas

Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

TELEFONE, 920153 — ESPINHO

Almoço, Jante e Ceia no

SNACK

BAR

S. PEDRORESIDENCIAL **PORTO**

1.ª Classe

Telefones: 920294 - 920391 — Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Aberto até às 4 horas da manhã
com cozinha permanente**advogados****DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS
FERREIRA DE CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210
ESPINHO

DR. ALMEIDA SANTOS

Advogado

CERQUEIRA FERNANDES

Solicitador

Espinho — Av. 24 n.º 741

Telefone 923129

médicos**José Carlos F. Leitão**

ORTOPEDISTA

Consultório:

Rua 19 n.º 192-3.º

Telef. 921841

às Sextas-feiras, depois das 16 horas
Sem consulta marcada**DR. CASTRO REIS**

ESPECIALISTA PELA O.M.

DOENÇAS DOS OLHOS.

ORTÓPTICA.

RUA 16 N.º 250-1.º-ESQ.

TELEF. 922470 — ESPINHO

diversos**CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:

das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922329
NoiteRua 16 n.º 868 — ESPINHO
Frente à Igreja**CALISTA**

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

**EXPOSIÇÃO DE PINTURA
A ÓLEO
de GAMEIRO SANTOS**(Sobrinho do Mestre
ROQUE GAMEIRO)Dzenas de Quadros para venda
Rua 43, n.º 26 — Telef. 923276
(à beira-mar) ESPINHO**CORFI****Duas Organizações
o mesmo Prestígio!****COTESI**



DESPORTO



ENTREVISTA DA SEMANA

Não serei primeiro nem último, mas farei o melhor que puder—convicção de António Leitão que estará nos «europeus» de juniores (sábado e domingo) na Rússia

Por CARLOS SARRIA

Leitão, o tal caso sério do atletismo português, que anda nos píncaros da fama (pese muitos patentes e das opiniões dos técnicos que sabem da poda do caso do prof. Moniz Pereira que o considera, apenas, o melhor meio fundista de sempre do atletismo português), conseguiu classificar-se para os «europeus» de juniores, apesar de juvenil, mercê do seu 11.º tempo (europeu) da categoria, competindo sábado e domingo, em Donetz, na Rússia.

Conversamos com o jovem atleta, que continua modesto, sem resquícios de vaidade (descansam as aves agoirentas que a fama, as entrevistas, enjím as verdades sobre o jovem não lhe fizeram mal, conforme prognosticavam, numa preocupação que nunca chegamos a entender), mais esclarecido e, sobremaneira, menos inibido.

Ele explica assim:

—A estadia em Lisboa fez-me bem, pois convivi com outros atletas, com os melhores, recebi conselhos, conversei tro-



quei impressões, ouvi falar de atletismo e tudo isso me ajudou a criar outro estado de espírito.

—E quais são as suas esperanças para os «europeus»?

—Olhe, primeiro não serei, como não serei último. Talvez nem fique nos 10 primeiros. Só sei que irei fazer a minha corrida, vou ter quem me puxe e levo no pensamento fazer o meu melhor. Sei que há lá juniores com 13 minutos e tal, são já do 2.º ano, bem preparados para as provas e, claro, eu sou novato, inexperiente, falta-me o calo, o contacto internacional que eles têm, mesmo o ritmo deles é capaz de não estar, ainda, ao meu alcance.

—Um tanto receoso?

—Receoso não, mas realista. Não se esqueça que muitos desses jovens são preparados exclusivamente para essas provas e, até, depois, acabam por desaparecer do estrelato.

—Portanto...

—Irei fazer a minha corrida, como disse e não encontro motivos para, de certa maneira, não ir descontraindo, já que nem favorito sou, embora o ambiente, a estreia, possam influenciar um pouco.

—Leitão, você vai para um «grande» clube?

—Recebi, sim senhor, convites, assim como meu pai, no dia que conseguí os mínimos. Pagam-me tudo, no entanto, quer

eu, quer o meu pai, entendemos que não é altura de deixar Espinho, a família, os amigos, e a «chateado», contrariado para longe. Assim, não tem interesse e, daí, a encarar uma proposta destas, só daqui a alguns anos, embora reconheça que tinha outras possibilidades de trabalho, mas remedeio-me com as que possuo e, agora, posso ir quantas vezes for necessário a Lisboa estagiar, pois pagam-me tudo.

—E de resto, Espinho há de ter pista de atletismo?

—Espero que sim e oxalá que, todos, se esforcem por isso, para bem do nosso atletismo, onde temos tantas possibilidades. Precisamos dessa pista, mas de «startan», que seria a única do norte e traria umas possibilidades enormes para Espinho. Também bom seria pensarem no Centro de Estágio, outra unidade única no Norte e que promoveria Espinho-desportivo, dando-nos oportunidade de termos cá grandes atletas nacionais e estrangeiros, como acontece em Lisboa, factor de valorização sócio-desportiva. Com essa pista, o Leitão não precisaria de sair de Espinho e apareceriam outros valores como eu, tais como o Miguel Mancellos, o António Natário, o Arlindo Cabral, e mais, capazes de irem longe.

Aqui ficam estas curtas declarações do jovem e já grande atleta, António Leitão, para, sobretudo, no tocante à pista e centro de estágio, se meditar bem nelas.

De resto, oxalá que o grande atleta juvenil espinhense, portador do 11.º melhor tempo júnior da Europa, consiga um brilhante em Donetz. Um brilhante que nem sequer, será necessariamente a vitória, mas um tempo excelente para a sua idade e qualidade de estreante numa competição deste calibre.



TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO DA AAE

—A equipa da «DE» em grande!

Não, não é para ganhar o torneio. Apenas para jogar, confraternizar, fazer desporto.

Lá começamos por apanhar umas cabazadas, sorridentes e satisfeitos, pois a equipa conheceu-se à luz do primeiro jogo e o que queria era jogar, deixando aos outros o privilégio de marcarem, não fosse perdemos futuros fregueses.

Sim, porque, a tratar a bola, tu-cá, tu-lá, somos uns senhores. Olaré. Há já «olheiros» a tentar a malta, dado que somos uma equipa jovem e de largo futuro, para o torneio do próximo ano, mas para o ano, com este treino de agora, vai ser o fim da macacada!

Com os rapazes da VEDEX, dominamos, mas perdemos (à tangente!) por 8-0! Depois foi com os VINHOS MACIEIRA e aí já melhoramos marcando 3 golitos, porém deixamos que eles nos brindassem com 13 golos de... Macieira, que sempre tem um certo sabor.

Depois, sempre a subir, fizemos os rapazes do TALHO CEN-



Por PAULO MALHEIRO

Fez-se, pela primeira vez, na história da nossa jovem e desportista cidade de Espinho, o início de uma «Volta a Portugal» e com um «prólogo», assim ao jeito de apresentação, num circuito cittadino.

Para pretazerem os 3.600 metros do «contra-relógio» individual, alinharam à chamada de 75 ciclistas em representação de 13 equipas, que rolaram através dum circuito de 2 voltas à avenida 8 (partida), rua 23, avenida 2, rua 41 e avenida 8 (meta).

Foi sem dúvida uma grande festa desportiva esta etapa-prólogo que teve a presença (a nosso ver) cerca de 20 mil espectadores, que, mesmo com centenas de «borlistas» a ingressarem no circuito fechado para o efeito, deixaram nos coiros da organização, qualquer coisa perto das três centenas de contos.

Da organização da prova é de lamentar o deficiente sistema de segurança e de contenção do público nas proximidades da meta, já que naquela, a vedação entre o público e a pista era resistente e eficaz. Das falhas apontadas, veio a suceder o desastre da tarde, com o ciclista do Campinense, José Afonso, que viu atravessar-se na sua frente um desastrado espectador, acidente do qual sofreram claros efeitos os ombros e a perna direita do, no fim de contas, afortunado ciclista, que veio a ser repescado pelo júri.

Falemos agora da prova em si para dizer que, o jovem de 20 anos, António Alves, do F. C. do Porto, chamou a si, numa grande demonstração de força e querer, o tão desejado triunfo, que melhor sabem teve por ter sido sobre comparas como Andrade, Firmino, Chagas e Venceslau (a grande desilusão!). De referir que o primeiro «camisola amarela» desta competição, foi

TRAL verem-se à rasca, para ganharem por 3-2.

Por fim, no encontro com os «MAGOS» de Anta, mais uma vez demonstramos que o futebol, para nós, não tem segredos, a não ser dos outros marcarem mais.

E lá estivemos quase a ganhar, já que perder por 5-1 (com tudo a subir!) é uma ninharia.

A nossa equipa, nem sempre tem contado com as vedetas todas, sobretudo nota-se a ausência de Sancebas, «gravemente» lesionado (carunchite?) no primeiro jogo onde ia fazer miséria, alinhou com: Alcino Brandão e Tibério Coelho (que dois guarda-redes, gente!) António Leite, José Peixoto, José Pais, Armando Ribeiro, Carlos Sárria (o de + de 25 anos), Carlos Sárria (júnior) e Francisco Rocha.

Os nossos competentes delegados são o Paulo Marçal e o Fernando Peixoto.

Enfim, fazer desporto é o nosso lema e venham as cabazadas, até prepararmos alguma surpresa.

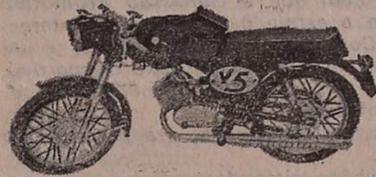
A 39.ª Volta a Portugal em Bicicleta começou em Espinho

O «miúdo» António Alves, e o F. C. do Porto, inesperados vencedores do «Prólogo»

o triunfador, na semana anterior, do II Grande Prémio da A. C. do Porto. Eis, portanto, um jovem candidato ao triunfo final e que se juntará, a nosso ver, aos já acima citados especialistas e ainda aos irmãos Sousa Santos, e a Luís Teixeira vencedor do I G. P. do Minho e o novo camisola amarela, feito que aconteceu, entretanto na etapa entre a nossa cidade e Vila do Conde.

O ciclismo é, foi e continuou a ser festa durante a noite do passado domingo, na cerimónia da entrega dos prémios particulares do prólogo, que decorreu no salão nobre do Grande Casino de Espinho.

Presentes ao acto festivo, o governador civil, Dr. Costa e Melo; o presidente da Câmara local, Artur Bártolo; o presidente da Comissão Municipal de Turismo, Veiga Ribeiro; o presidente da Federação de Ciclismo, Idalino de Freitas; o director da «Volta 77», Jorge Lara, bem como os representantes da SOLVERDE, Dr. Amadeu Morais e Francisco Castro.



SACHS

RUA 20. N.º 735 — ESPINHO

Ao vencedor, António Alves, foi entregue um envelope surpresa e a taça «Câmara de Espinho» e ao 2.º classificado, Alfredo Gouveia, um envelope com 1.000\$00 e a Taça «Comissão de Turismo»; ao F. C. do Porto vencedor por equipas, foi entregue pelos dois representantes da «SOLVERDE», a taça com o mesmo nome; ao Águias-Clock a taça «Grande Casino de Espinho» e ao S. L. Benfica, a Taça «Defesa de Espinho», oferecida pelo nosso jornal e entregue pelo nosso Director.

Para terminar, uma certeza ficou no ar. A «Volta-78» terá também o início e a partida em Espinho, salvo se houver imprevistos.

ESTABELECIMENTO

DE MÓVEIS

E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADES

EM MOBÍLIAS

DE ESTILO

SÉCULO XVII

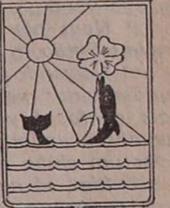
★

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Telef. 921324

ESPINHO

CASINO DE espinho



jantares concerto

slot machines

cine teatro

★ MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS:

—LOS WINDY'S—SURPRISE—GRUPO 4

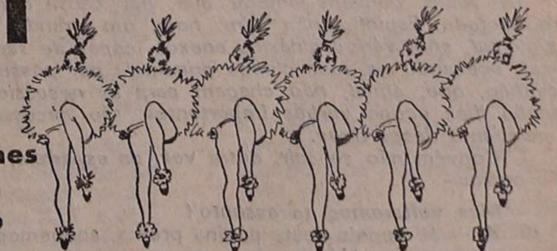
★ VARIEDADES

—CASINO BALLET PRODUCTION—Ballet Inglês
—EDEL & WERMER DORRE—Acrobatas Alemãs
—MARIA JOSÉ VALÉRIO—Cançonetista Portuguesa

★ RESTAURANTE - BOITE

ESMERADO SERVIÇO
SEGUIDO DE BAILE E VARIEDADES

A partir de 16 de Maio



ONDE O NORTE SE DIVERTE ★ Tel - 920238

INTERVALO

Por Carlos Sárria

Esclareçamo-nos!

O conceituado jornal «A Bola», através do jornalista Alfredo Barbosa, fez uma reportagem em Espinho, reportagem essa que, em parte do seu conteúdo, pode levantar «ondas» e necessita, desde já, que nos esclareçamos.

Estamos convictos de que terá havido, apenas, confusão involuntária do jornalista, pois julgamos que não lhe terão dito algo do quanto escreveu sobre o futuro Complexo Desportivo Municipal.

A ser verdade, seria caso para se perguntar como era. Mas, vamos transcrever (sic) a parte (da entrevista) em questão:

«Através de uma comissão promotora, constituída por seus associados, o Sp. de Espinho está particularmente interessado no avanço da construção do complexo desportivo da cidade, que teria a comparticipação de vinte mil contos da Solverde (proprietária do Casino).

A sua área, situada no lugar de Guimbra, a nascente da cidade, que abrangerá um milhão de metros quadrados, permitirá a construção de um estádio para 30 mil espectadores, com campo relvado, de dois outros recintos (um relvado e outro pelado) para a prática do futebol e do hóquei em campo; duas piscinas (uma delas coberta e aquecida), ambas de 25 metros; dois pavilhões gimnodesportivos (um para actividades amadoras do Sporting de Espinho, com capacidade para 6.000 espectadores e outro destinado à actividade física e desportiva escolar; um «court» de ténis; e diversas instalações não desportivas, como seja uma praça de touros e blocos residenciais. Serão estas últimas construções que irão permitir, através da sua venda, a valorização do património do Sporting de Espinho, que se processará conforme as disponibilidades financeiras contudo, a construção do estádio será realizado ainda durante esta época, tendo sido dada já autorização pelo arquitecto urbanista da Câmara para a escolha do terreno. As bancadas serão construídas em material tubular e substituídos por betão à medida que houver disponibilidades financeiras.

Este estádio que «em princípio», segundo Marçal Duarte, será Camarário, destina-se também, «em princípio exclusivamente» ao Sporting de Espinho, que cederá o seu campo do Avenida ao clubes da terra, os quais terão ainda ao seu dispor os dois outros rectângulos do complexo desportivo frisaria aquele dirigente. No entanto, estas instalações, bem como as restantes que referimos, «deverão, ainda segundo ele, ser propriedade dos clubes espinhenses, pelo facto da sua manutenção ser bastante dispendiosa e a sua administração difícil!

Não! Aqui há gato!

Esclareçamo-nos!

O futuro Complexo Desportivo Municipal é para Espinho, pertença da cidade, do Concelho, nunca de uma colectividade apenas.

Começamos por não entender bem que a Comissão Promotora seja de associados do Sp. de Espinho e esteja particularmente interessada no avanço da construção! A Comissão, segundo parece, é de espinhenses, interessados em dotar Espinho de um Complexo Desportivo. Ou há «bluff»? Conhecemos, bem pelo menos, alguns membros e sabemos que não alinham em «jogadas confusas»!

Quanto ao interesse no avanço da construção, era preciso que já houvesse construção. Infelizmente...

Depois, mais adiante «dois pavilhões gimnodesportivos (um para as actividades amadoras do Sp. de Espinho, com capacidade para 6.000 espectadores, outro destinado à ctividade física e desportiva).

Porquê um pavilhão exclusivamente para o Sp. de Espinho? A que propósito? E os outros Clubes?

Mas, sinceramente, vamos do mal a pior, quando se lê: «diversas instalações não desportivas, como seja uma praça de touros e blocos residenciais». Serão estas últimas construções que irão permitir, através da sua venda, a valorização do património do Sp. de Espinho...

Nem por brincadeira, ou se fosse a sério seria extremamente grave! Então, o complexo seria património do Sp. de Espinho?

Deixando de lado mais alguns aspectos que nos apetecia focar, quedamo-nos pela parte final e, aqui, também, a «porca torce o rabo», pois se fosse verdade o que lemos, teríamos de acreditar em argutas manobras apriorísticas, no sentido de se preparar o terreno para beneficiar um clube em detrimento dos demais.

Sim, só nesse contexto se entenderia que «em princípio» o estádio será camarário e destina-se, também «em princípio», exclusivamente ao Sp. de Espinho!

Como? Mas, como?

Onde se pretenderá chegar com ideias deste calibre? em princípio? Criar, desde já, graves problemas? Não, certamente, que há grosso erro, necessariamente a ser esclarecido, antes do mais.

Como esclarecida deve ser a parte final transcrita, quando se refere que as instalações cedidas pelo Sp. de Espinho aos outros clubes, «deveria ser propriedades dos clubes espinhenses, pelo facto da sua manutenção ser bastante dispendiosa e a sua administração difícil».

Espinho-cidade pretende um Complexo Desportivo Municipal, meus senhores. Que sirva as suas colectividade todas, segundo uma ordem de prioridades, na qual se terá de se ordenar a importância dos clubes, das actividades físico-desportivas, dos treinos, dos espectáculos desportivos a realizar, para obter a utilização racional das instalações daquela unidade, sem atropelos, com justiça e equidade.

Mas, ele é para servir a todos, não só a um, como será, terá de ser, de manutenção e administração camarária já que o desporto é um fenómeno indissociável da vida das comunidades no qual a Câmara tem de participar activamente.

Esclareçamo-nos, meus senhores, antes de se criarem graves problemas, mas sem subterfúgios, com a consciência de que as comunidades são de todos e não só de alguns.

De resto, convém lembrar que, por causa duma «confusão» bem arquitectada, Espinho não tem, hoje, um grande pavilhão desportivo municipal, com vários ginásios anexos, capaz de servir todo o desporto local, acabando os seus clubes principais por possuir, cada qual, o seu pavilhão, que, afinal, não chegam para as necessidades e cuja manutenção lhes ocupa verbas importantes, tão necessárias à dinamização e ecletismo desportivos.

Convém não se cair, outra vez, na esparrela, pois os tempos até são outros -

Mas, voltaremos ao assunto!

N. do A. — Já depois desta página pronta, soubemos, de fonte absolutamente idónea, que se atribui ao jornalista interpretação errada daquilo que lhe foi dito sobre o Complexo Desportivo Municipal e que deu margem a este «Intervalo». Daí que, mesmo assim, este tenha sido dado a estampa.

DESPORTOSKÓPIO / DESPORTOS

★ FUNDOS PARA O SCE —

Entre os espinhenses radicados na Venezuela, foi feita uma subscrição a favor do Sporting Clube de Espinho, que rendeu cerca de 44 mil escudos.

Rufino Cardoso ...	1.000 Bol.
António Moreira ...	1.000 »
Manuel Pais ...	1.000 »
Mário Oliveira ...	200 »
António Oliveira ...	500 »
Domingos Estrela ...	500 »
Fernando Soares ...	300 »
João Félix ...	100 »

Total ... 4.600 »

SERÁ VERDADE QUE...

...A SAÍDA de alguns voleibolistas da AAE para o SCE, até a ser mal interpretada, pois não existe aliciamento de qualquer espécie, mas, apenas, abandonos voluntários, pelo reconhecimento de que no âmbito do voleibol academista as coisas geralmente funcionam mal e não dão possibilidades a quem quer praticar a modalidade a sério, enquanto no SCE existem outros conceitos e outras hipóteses?

...CANELAS, o promotor extremo-esquerdo espinhense recebeu várias propostas de clubes nortenhos, da 2.ª divisão, para ingresso nas suas fileiras, em condições materiais duas vezes superiores aquelas que tem nos «tigres». No entanto, ainda está vinculado mais duas épocas aos espinhenses que não concederam ao jogador a rescisão amigável pretendida, nem a dispensa por uma época.

...LEITÃO, o estupendo atleta espinhense, do qual Moniz Pereira teceu os mais rasgaos elogios (espera-se que certos puritanos cá do sítio tratem de zurrir, agora, o prof. Moniz Pereira, pelo facto dele andar a estragar o moço, ao considerá-lo o melhor meio-fundista que apareceu até hoje, no atletismo português, porquanto verdades dessas não se revem dizer e, ao invés, era conveniente afirmar antes que o moço é uma negação e vai à Rússia por frete!) anda a ser «namorado» por um «grande» do desporto português, a ponto de ter sido um conhecido dirigente desse clube quem telefonou, logo, para Espinho, para o pai do excelente atleta, a dar-lhe a notícia do cometimento (classificação para o «européu») e a apalpar o terreno. Claro, é inegável, desportivamente, e até socialmente, Leitão teria outras vantagens, já que seria um amador dentro de um amadorismo especial. Se aceitasse era lógico e humano. O que choca, porém, é

que os «grandes», usando da maior falta de ética desportiva, da maior falta de respeito pela actividade dos «pequenos», dos seus sacrifícios, canseiras, despesas, etc., da maior falta de correcção, nem se dão ao cuidado de, antecipadamente, os consultarem. Desconhecem-nos, pura e simplesmente, procurando apenas «caçar» as «vedetas» que outros «fabricam» e eles querem «monopolizar» para ficarem melhor apetrechados, na ansia da conquista de títulos. É o curioso é que a proposta terá sido veiculada por um dirigente que, usualmente, apregoa moral e não tolera qualquer atitude menos correcta para com o seu clube. Parece, no entanto, que

por ora, o atleta continuará «tigré».

★ ACÁCIO — EM litígio com o Boavista, Acácio pediu autorização para treinar em Espinho e, no «Avenida», onde começou a sua carreira, cuida da sua preparação, devidamente autorizado. A ambientar-se? Pelo menos por agora, os dirigentes espinhenses garantem que não.

★ NOGUEIRA — Também o médio «axadrezado», igualmente em litígio com os boavisteiros, é dado, em certos meios, como futuro jogador do «plantel» espinhense. De igual modo, os dirigentes dos «tigres» negam, por ora, essa hipótese.

FÁBRICA
HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORAMATÉRIAS
PLÁSTICASInjecção — Compressão — Extorsão
— Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

« HÉRCULES »

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO



VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO
ESPINHO

no dia 29 de AGOSTO, das 9,30 às 10,30 h., onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: ÓCULOS AUDITIVOS — MODELOS DE BOLSO — MODELOS RETROAURICULARES — MODELOS PÉROLA IV E MIRACLE VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visitem-nos na GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO, no dia 29, das 9,30 às 10,30 horas.

CASA SONOTONE — PRAÇA DA BATALHA, 92-1.º — PORTO
Poço do Borratém, 33-s/l — LISBOA

Registo Bibliográfico

AS RAÍZES DO TÉDIO EM MANOEL LARANJEIRA

BOLEO, Manuel de Paiva: «O Problema das Terminologias Científicas e Técnicas». 46 págs.. Separata da Rev. Port. de Filologia (vol. XVI, tomos I e II, 1972-74). Coimbra, 1976.

A propósito do Congresso do Fonds International Pour les Terminologies Romanes, realizado em Florença em Março de 1971, Manuel de Paiva Boleo, tendo estado presente como observador, mas tendo, contudo, interferido várias vezes na crítica a algumas intervenções, tece nesta separata algumas considerações sobre o assunto. Aliás o problema das terminologias científicas e técnicas era-lhe bastante familiar, pois ele próprio já se tinha debruçado sobre este problema no seu estudo «Defesa e Ilustração da Língua Portuguesa: o problema da importação de palavras».

Neste opúsculo, indica alguns dos objectivos da F.I.T.R.O. entre os quais se deve salientar a chamada de atenção dos povos românicos no sentido de não aceitarem de ânimo leve a invasão de termos técnicos anglo-americanos, mas que devem antes ter a preocupação de os adaptar de harmonia com o «género» próprio de cada língua, criando neologismos aceitáveis. O trabalho é completado por uma vasta bibliografia seleccionada sobre o tema.

BOLEO, Manuel de Paiva: «Le Matériel de L.I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'Atlas Linguistique de la Péninsule Ibérique et l'Atlas Prévio dos Falares Balaicos». 54 págs.. Separata da Rev. Port. de Filologia, Vol. XVII, Tomos I e II, 1975-76.

A presente separata transcreve a comunicação que o autor leu no XIII Congresso Internacional de Linguística e de Filologia Românica realizado na Universidade de Leval, de Quebec, no Canadá, em 1971.

Trata esta comunicação dos problemas biosociolinguísticos em Portugal continental: inovação e conservantismo e ainda a linguagem da mulher e área estática e dinâmica.

Uma vasta bibliografia sobre estes temas é-nos dada no fim do opúsculo bem assim como quatro mapas que nos mostram as designações para «espiga de milho» e «soro» nas várias regiões do país.

AZEVEDO MAIA, Clarinda: «Os Falares do Algarve (inovação e conservação)». 169 págs.. Separata da Rev. Port. de Filologia, Vol. XVII, Tomo I e II, Coimbra, 1975.

O presente estudo trata, como o próprio título indica, da caracterização dos falares das gentes algarvias nos seus aspectos fonético, morfológico, sintáctico e lexical. A autora, que ali se deslocou nos verões de 1966 a 1969, recolheu vasto mate-

rial dialectal através de inquéritos directos no contacto com o próprio povo.

Completa este valioso trabalho de dialectologia um capítulo onde a autora distingue as características gerais do Algarve bem assim como as suas particularidades. O problema da inovação e conservação nos falares algarvios, o da afinidade entre o Algarve e o Baixa-Alentejo são também abordados. Trinta e dois mapas distribuídos pelo texto contendo os factos linguísticos estudados enriquecem o volume.

AZEVEDO MAIA, Clarinda: «Os Falares Fronteiriços do Concelho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha». 608 págs.. Suplemento IV da Rev. Port. de Filologia, Coimbra, 1977.

Trabalho importante e exaustivo sobre os falares fronteiriços de Sabugal e da região limítrofe espanhola de Xalma e Alamedilha, este estudo vem mostrar que nesta zona os limites linguísticos não coincidem com a fronteira política.

Assim concluiu que, por exemplo, na povoação de Alamedilha, na província de Salamanca, se fala o português e em três povoações da serra de Xalma se fala um dialecto galaico-português; que do lado português existe ainda «restos de antigas afinidades com os falares espanhóis vizinhos».

A autora distingue ainda neste estudo traços linguísticos de um e de outro lado da fronteira.

O volume inicia com uma extensa e bem fundamentada introdução histórica, segundo-se vários parágrafos dedicados aos antecedentes das povoações exploradas, proveniência dos materiais, método na recolha dialectal, problemas de bilinguismo e principais características da linguagem desta região no que concerne à Fonética, Morfologia, Sintaxe e Vocabulário.

TAI WHAN KIM, Ph D.: «The Portuguese Element in Japanese — A critical survey with glossary». 147 págs.. Suplemento V da Rev. Port. de Filologia, Coimbra, 1976.

Trata-se de um estudo em inglês dum professor japonês da Universidade Britânica Columbia do Canadá, sobre a influência da língua portuguesa no japonês.

Ao longo das suas páginas poderemos ver da forte influência que desde 1542-43, a nossa língua exerceu na língua japonesa, encontrando-se ainda hoje muitos termos cuja origem se pode buscar na língua portuguesa.

SILVA LOPES, Ana Maria Simões: «O Vocabulário Marítimo Português e o Problema dos Mediterraneísmos». 376 págs.. Separata da Rev. Port.

de Filologia, Vol. XVI e XVII, Coimbra, 1976.

Quando fizemos, há meses, a recensão crítica ao volume XVII da Revista Portuguesa de Filologia, tivemos ocasião de referir a este trabalho de Ana Maria Simões Lopes e sobre ele tecer algumas considerações que julgamos pertinentes.

Temos agora presente a obra completa, publicada em suplemento à citada Revista de Coimbra.

Pouco mais temos a acrescentar ao que já dissemos, apenas, devemos salientar agora o terceiro e quarto capítulos que não vieram publicados no volume XVII da Revista.

Assim, no terceiro capítulo, a autora tenta estabelecer uma comparação entre os tipos de embarcação e processos de pesca usados no litoral algarvio e na Costa Ocidental, demonstrando sobretudo a nítida influência dos pescadores de Ílhavo, Aveiro e Murtosa na costa algarvia.

O quarto capítulo trata, ainda que sucintamente, pelas dificuldades e limitações encontradas, das possíveis relações entre as embarcações e processos de pesca dos países mediterrânicos e Portugal.

Um vasto glossário de termos marítimos enriquece esta obra que passará a ser fonte de qualquer trabalho linguístico referente à actividade marítima portuguesa.

Uma carta geográfica com os locais explorados assinalados, 18 gravuras, fotografias, desenhos e fotos completam esta valiosa edição.

MONTIS Guy e outros: «101 Conselhos Para a Saúde das Crianças». 17 págs.. Trad. de Helena Nascimento Silva, Col. Psicologia e Pedagogia. Moraes Editores, Lisboa, 1977.

É um manual útil para os pais e encarregados de educação na medida em que ensina as atitudes a tomar perante todos os acidentes que acompanham a criança durante o seu desenvolvimento. Assim, poderão chamar o médico sempre que algum sintoma sejam visíveis e levar a uma intervenção rápida e eficaz.

CORREIA, Ramiro e outros: «M.F.A. — Dinamização Cultural — Acção Cívica». 254 págs.. Col. Ulmeiro. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1977.

Pretende este livro dar a conhecer ao leitor aquilo que determinou a execução da dinamização cultural levada a efeito pelo M.F.A. após o 25 de Abril. Aqui também se descreve todas as iniciativas redigidas pelas Forças Armadas em benefício do povo. Alguns documentos inéditos valorizam a edição e são mais um contributo para a história de Portugal, após o 25 de Abril.

Por JOEL SERRÃO

(Cont. do «Encontro» n.º 15)

Ora, posta a questão neste pé, e arredada a hipótese de uma explicação vagamente psicológica, que, segundo nos parece, seria simplificadoria em demasia do drama do autor de *Comigo*, resta-nos voltar a inquirir dos motivos ou das condições pessoais e racionais que dele fizeram como que o fãlhaço típico por excelência da cultura portuguesa dos últimos decénios. Ou seja: por que razão, ou razões, afinal, Laranjeira não pode fazer e deixou ensopar de tédio as «asas do seu pensamento»?

Se porventura acertarmos, o seu tédio, ou seja, no fim de contas, a expressão contraditória do seu drama humano, decorre da interacção das três seguintes causas ou condições: 1) a incapacidade de conciliar a morte dos seus deuses da infância com a nostalgia da fé perdida e não substituída; 2) o conflito não resolvido, sequer temporariamente, entre aquilo a que ele chama o *Ideal* e as realidades ambientes; 3) o fracasso da tentativa de superar pela expressão poética as suas inquietações e perplexidades.

Tentemos, pois, com alguma detença, deslindar tal meada.

Não é pela falta de clareza — de didactismo até — que a poesia de Laranjeira peca como expressão artística. Ela formula sempre, sem ambiguidade alguma (estará aí o seu calcanhar de Aquiles?), o problema que a suscitou.

Sobre Deus, por exemplo ele pensa o seguinte:

Deus, o Deus que eu pretendia destronar, nunca existira: era uma louca químera, uma orgulhosa mentira, que o homem criara, ufano, na mesma hora em que sentira o desejo monstro, insano, de prender todo o universo na mão do destino humano (1)

É claro e inequívoco. Porquê então, lamentar-se:

Reaver a fé? Aquela cega fé da minha infância? Em vão! Já não posso tê-la...? (2)

Porquê? É que ele sabe bem — à sua custa o aprendeu — que

...a vida, sem a fé é um degredo... (3)

Perguntar-se-á: que fé? Insi-nuará aí, porventura, que deseja regressar ao rude catolicismo da infância? Nada parece autorizar tal hipótese. O problema de Laranjeira consiste tão-só nisto: os deuses da sua infância estavam mortos, e muito bem mortos, e não entreveria possibilidade alguma de ressurreição. Mas o lugar deles permanecerá vazio, ou seja, não lhe havia sido possível substituir crenças, ceifadas pela dúvida, por outras, adultas e sábias, que, agora, o aquecessem intimamente e lhe sugerissem uma rota de tal modo valiosa que superasse os conflitos em que o seu psiquismo se enleava. Aquilo a que, humanamente,

Manoel Laranjeira



«Quando os outros te não entendem, fala sempre sozinho.»

aspirava era à felicidade de crer, fosse no que fosse, mas que lhe propiciasse uma adequação a fins livremente procurados e aceites; desejava, em suma, a sintonização com algo que se lhe afigurasse superior aos motivos da sua mesma perplexidade. «Crer em palavras falsas ou em palavras de verdade — é afinal a mesma felicidade de crer» (4). Mas não nos restam dúvidas de que, de facto, ele não podia crer... em palavras falsas.

(Continua)

(1) *Comigo*, 2.ª ed., p. 32.

(2) *Ibid.*, p. 36.

(3) *Ibid.*, p. 24.

(4) *Diário Intimo*, p. 82.

Materiais para a História da 1.ª República

(Continuação da pág. 8)

(7) *Entre os presos em Portalegre no movimento de Janeiro de 1912, contavam-se três corticeiros, quatro sapateiros e um barbeiro*, O Sindicalista, n.º 73, 21-4-1912, transcrito por António Ventura, obra citada, págs. 32/3.

(8) *Sobre as viagens de propagandistas na tradição anarquista veja-se E. J. Hobsbawm, Rebeldes Primitivos — Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX, Zahar, 1970, pág. 110. No livro de Díaz del Moral que serve de fonte a Hobsbawm, encontra-se uma descrição bastante detalhada da acção*

de vários propagandistas na região de Córdoba e da forma como actuavam, veja-se Juan Díaz del Moral, História de las agitaciones campesinas andaluzas — Córdoba, Alianza Editorial, 1969, pág. 259-272.

(9) *Alexandre Vieira, «Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal de 1908 a 1919», Almanaque «A Batalha» para 1926, produzido em separata de Economica Lusitania, Maio, 1973, pág. 67.*

(10) *Sobre as viagens e reuniões de propaganda na região de Évora em princípios de 1911 veja-se o diário Notícias de Évora do 1.º trimestre de 1911.*

ENCONTRO

N.º 16
Agosto / 1977

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de F. AZEVEDO BRANDÃO

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO CONCELHO DE ESPINHO

S. Félix da Marinha

Pelo PADRE ANDRÉ DE LIMA

(Cont. do «Encontro» n.º 15)

BREVIA DOS FRADES — Os frades do Mosteiro de Grijó tinham nesta freguesia, no lugar da Granja e dentro dos limites do Couto de Brito uma quinta cercada de altos e fortes muros, dentro da qual havia uma sólida e elegante casa de habitação para onde vinham descansar e tomar banhos de mar quando queriam ou deles precisavam.

Tomavam banhos num canal formado pelos rochedos da praia, ao qual chamavam e ainda chamam (1922) o «Carreiro dos Frades».

Esta quinta e casa foi do Arcebispo de Calcedónia e é hoje (1922) de seus herdeiros. O pai do Arcebispo mandou edificar uma capela em 1860 que seu neto Aires, herdeiro do Arcebispo vendeu ao Senhor Bispo do Porto em 1922.

QUINTA DE FARPA — Esta quinta é no lugar da Mesura e pertenceu aos Morgados de Farpa, descendentes dos Pereiras Forjazes, Condes da Feira e ainda hoje pertence a esta família. A esta família pertenceu o Padre Augusto Pinto de Araújo Ribeiro que disse a sua primeira missa poucos anos antes da República e aqui faleceu em 1916.

ALTARES DA IGREJA — Altar-mor ou do Santíssimo Sacramento; o de N.º S.º do Rosário; o do Senhor Jesus; o de N.º S.º da Conceição; o do Senhor dos Passos; o de St.º Amaro; o de St.º António; o de S. Joaquim e St.º Ana.

CAPELAS DA FREGUESIA — Existem as seguintes: Uma pública que actualmente (1922) não está aberta ao público (por andar em obras e estas estarem paradas), dedicada a N.º S.º da Soledade. Uma no lugar de Espinho, particular, consagrada a S. Tomé Apóstolo e pertencente a D. Maria Amélia de Araújo e Sá;

uma em Além Rio, particular, dos herdeiros de Carolina da Conceição Oliveira e consagrada a N.º S.º das Necessidades; uma na Praia da Granja consagrada a N.º S.º de Santa Cruz, comprada pelos moradores da dita Praia aos herdeiros do Arcebispo de Calcedónia em 1922, ficando como comprador o dr. António Bernardo da Silva, por imposição do Senhor Bispo do Porto.

ORATÓRIOS PARTICULARES — Existe o da Quinta do Sr. António Pimentel, em Além do Rio e com Breve Apostólico de 1923; o dos Snrs. Castros na Praia da Granja, benzida em ...; a da Condessa de B ... na mesma Praia; e o de Miguel de Melo az de Sampaio. O dos Snrs. Castros tem o Santíssimo Sacramento.

SAGRADO LAUSPERENE — Celebra-se normalmente no 2.º domingo do mês com missa cantada e sermão à tarde e foi instituído no ano de 1905. Durante o tempo que na Igreja funcionou a Cultural esteve suspenso de 1912 a 1919, sendo restabelecido no mês de Janeiro.

RIO DE SAM FINS — Este rio atravessa a freguesia de nascente a poente, vindo de Serzedo e desaguando no mar entre os lugares da Granja e Brito. Neste rio, dentro dos limites desta freguesia existem 20 casas de moinhos com cerca de 50 p-dras de moer milho e algumas de moer trigo. Estes moinhos são uma riqueza para esta freguesia.

Se as 20 quedas destes moinhos existentes na freguesia fossem aproveitadas para fazer moer turbinas e maquinismos próprios podiam aplicar-se em diversas indústrias que seriam uma maior riqueza para a freguesia.

Actualmente, em 1924, anda-se a construir uma fábrica de papel em duas destas quedas. Muitas mais se podiam construir mas os seus proprietários são refractários aos progressos.

(Continua)

Materiais para a História da 1.ª República

Por JOSÉ PACHECO PEREIRA

No processo de organização dos trabalhadores mais congregaram-se três factores. Primeiro, a actuação de um punhado de militantes anarquistas, cuja formação e acção política são anteriores às greves e que viviam nas cidades do Alto e Baixo-Alentejo. Segundo, a acção das classes profissionais já dotadas de organização e sediadas nos principais centros urbanos. Terceiro, a acção de militantes destacados do movimento sindical e anarquista, vindos de Lisboa e que por incumbência das suas organizações fazem viagens de propaganda e organização através do Alentejo.

Em todos estes casos há uma acção de fora para dentro, da cidade para o campo, do organizado para o desorganizado, por muito fluidos que nalguns casos (em particular no primeiro e segundo tipos de actuação), se revelem estas distinções. No entanto apesar da organização ter esse sentido de fora para dentro, fazia-se sobre um movimento social genuíno e que lhe era anterior.

Um exemplo do primeiro tipo de acção organizadora é o que desenvolve o grupo anarquista de Évora «Avante», fundado em fins de 1908 (1). Este grupo é solicitado pelos trabalhadores rurais de Évora para apoiar o processo de formação do sindicato rural. A actuação dos anarquistas do «Avante» é preponderantemente de dois tipos. Por um lado participa na elaboração, de «cópias de estatutos, actas e todos os documentos indispensáveis à organização dos respectivos sindicatos» (2). Fê-lo, porque tem entre os seus membros intelectuais, operários e artesãos autodidatas e que tem portanto a «instrução» que falta à maioria dos trabalhadores rurais. Por outro lado, asseguram a participação em sessões de propaganda organizadas pelos sindicatos e acompanham os trabalhadores rurais na fundação dos comités preparatórios dos seus Associações (3).

O segundo tipo de actuação organizadora, pode ser caracterizado pela acção de certas associações de classe, nomeadamente dos corticeiros de Évora, que pela sua existência organizada podia lançar a ponte entre os trabalhadores rurais e o movimento sindical existente. Os corticeiros cederam as suas instalações para reuniões de rurais, o que motivou o encerramento da sua Associação de Classe em 1912 (4). Para além disso e conjuntamente com outras associações desenvolveram um papel activo mesmo na fundação das Associações de classe dos trabalhadores rurais: foi o que se passou em Portalegre em que foi por iniciativa dos corticeiros e dos sapateiros e através da cooperativa local, a Cooperativa Operária Portalegrense, que foi fundada a Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Portalegre (5). Por fim, eles tinham relações regulares e canais de comunicação com o movimento operário urbano, principalmente de Lisboa e margem Sul, através da Federação Corticeira e por essa ligação corria informações, notícias e fundos (6). Em consequência deste apoio e participação activa na organização dos trabalhadores rurais, muitos corticeiros foram presos em 1911 e 1912 (7).

Apesar da eficácia destes dois tipos de actuações serem quase sempre de apoiar e organizar o que já se encontrava em movimento, o terceiro tipo de actuação, a dos militantes, sindicalistas em viagem pela província, não se limitava só a isso, mas também a semear as sementes da revolta e da agitação. Na verdade, os «passeiros» de propagandistas são um método típico de propaganda anarquista e ocorreram em todas as regiões ou países em que o anarquismo teve alguma implantação (8).

As viagens de propagandistas e organizadores eram um meio eficaz, a curto prazo, de organização e talvez fossem nas condições da época, o melhor meio de organização. Os propagandistas percorriam os campos e contactavam nas pequenas localidades os núcleos mais destacados nas lutas, que acorriam a ouvir as suas palavras. Com a facilidade que lhes dava o facto de se deslocarem fora dos principais centros urbanos, «por ca-

publicava o jornal com o mesmo nome. Era constituído por pouco mais de 10 anarquistas, incluindo elementos das seguintes profissões: tipógrafo, empregado do comércio, corticeiro, sapateiro e estudante. Na sua resenha de grupos anarquistas, Carlos da Fonseca referenciava-o como «Grupo de Propaganda Livre» fundado em 1909, sendo o único que refere com sede no Alentejo na época (Carlos da Fonseca, Introduction à L'Histoire du Mouvement Libéral en Portugal, C.I.R.A. Lausanne, 1973). Sobre a história do grupo «Avante» veja-se o relato de um dos seus fundadores em «A Razão de Ser Anarquista», Apoio Mútu, (Évora), n.º 1, Novembro, 1976; «Movimento Sindicalista Revolucionário em Évora (1910-1913)», Apoio Mútu, n.º 2, Janeiro, 1977.

(2) Artigo citado, Apoio Mútu, n.º 2, Janeiro, 1977.

O TRABALHO RURAL NO ALENTEJO EM 1913

«Vários lavradores obrigam os seus contratados a levantarem-se às 2 e 3 horas para lhes darem o almoço, em seguida ao qual logo vão para os respectivos trabalhos, onde permanecem até ao meio-dia, hora de jantar. Este consta, por via de regra, d'umas sopas de péssimo pão de centeio, já deteriorado, molhado em água, acompanhadas de azeitonas podres, ou grão de bico, temperado com azeite tão limpo que de cada 100 litros se tiram 30 de borras.

Vem depois um bocado de queijo ou frutos de má qualidade; outras vezes umas javas secas, que os fumentos não as quereriam, com um punhado de arroz. À noite, repetem-se as sopas molhadas em água a ferver, temperadas com azeite cru.

(...) Há tempos disseram os jornais que havia preços estipulados para os trabalhadores, mas essas tabelas de preços não se cumprem. Quando chegam os meses da ceifa, os jornais regulam por 18 ou 20 centavos, e nos meses restantes, não sobem acima de 12 a 15 centavos. Como há-de um desgraçado sustentar a família com tal quantia?»

José Gomes Ventura, «Uma das causas da emigração», A Economia, n.º 249, ano V, 9-11-1913.

minhos inacessíveis até aos animais laníferos» (9); o facto de encontrarem as regiões ainda «quentes» da agitação e da luta; e pelo facto de fazerem a sua propaganda por via da palavra para um público que é na sua esmagadora maioria analfabeto, obtinha os melhores resultados. As viagens de propaganda sucederam-se desde os princípios de 1911, embora as primeiras sejam de militantes rurais da região, e só a partir de fins de 1912 tivessem a participação de militantes de Lisboa (10).

No próximo artigo veremos como as sementes da propaganda e organização deram frutos no rápido crescimento do movimento sindical dos trabalhadores rurais.

(1) O grupo anarquista «Avante» foi fundado em 1908 e

Oliveira, obra citada, pág. 146.

(3) A Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais criou em 1913 «comissões regionais de propaganda», veja-se O Trabalhador Rural, n.º 4, Março, 1913.

(4) O Sindicalista, n.º 62, 21-1-1912, transcrito por César Oliveira, O Operariado e a República Democrática (1910-1914), 2.ª edição, Seara Nova, 1974, pág. 143.

(5) Referências em António Ventura, Subsídios para a História do Movimento Sindical Rural no Alto Alentejo (1910-1914), Seara Nova, 1976, pág. 30 e 39.

(6) O Sindicalista, n.º 64, 18-2-1912, transcrito por César

(Continua na pág. 7)

ESCAPARATE

INSTITUTO DE ESTUDOS ROMÂNICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: Publicou: «XIII Congresso Internacional de Linguística e de Filologia Românica», de Manuel de Paiva Boléo — separata da Rev. Port. de Filologia, vol. XVI, tomos I e II, 1972-74; e «Vida do Instituto de Estudos Românicos», de Manuel de Paiva Boléo — separata da

Rev. Port. de Filologia, vol. XVI, tomo I e II, 1973-74.

EDITORIAL ESTAMPA: Acaba de publicar o livro «R.D.A. — 100 perguntas, 100 respostas», na sua colecção «Mundo Socialista».

LIVRARIA ULMEIRO: Publicou na sua colecção «Biblioteca Ulmeiro n.º 8» o livro: «O Imperialismo — Desenvolvimento Desigual»; por Samir Amin.



Camara Municipal de Espinho
Rua -19
ESPINHO

SEMANÁRIO